

**OBJETO NULO, CLÍTICO E PRONOME PLENO
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Evanice Ramos Lima Barreto (UFBA/FACE)
evanyce@ig.com.br

RESUMO

O fenômeno do objeto nulo é predominante no português brasileiro. Ao seu lado, no entanto, convivem duas variantes, no que se refere ao objeto anafórico: o pronome pleno e o clítico. De acordo com Omena (1978), Tarallo (1983) e Duarte (1986), os clíticos acusativos de 3ª pessoa não fazem parte do nosso vernáculo e o seu uso está condicionado ao aprendizado escolar, ao grau de instrução do falante, à escrita e ao estilo formal. Partindo desse pressuposto, esse estudo pretende mostrar, a partir da análise de peças teatrais, letras de músicas e textos produzidos por alunos, a incidência desses três fenômenos, bem como os fatores que favorecem o seu uso no português brasileiro corrente.

Palavras-chave: Objeto nulo. Clítico. Pronome pleno.

1. Considerações iniciais

O objeto nulo é um fenômeno que tem sido objeto de estudos e análises de vários linguistas, os quais, inspirados no trabalho desenvolvido por Huang, vêm propondo diversas hipóteses explicativas a respeito desse fenômeno.

Analisando a língua chinesa, Huang (1984), propõe que o objeto nulo seja uma variável, caracterizada pelos traços [-anafórico/ -pronominal], sendo este último aquele que sustenta a sua argumentação. Baseando-se nessa concepção, Raposo (1986) observa que, no português europeu, o objeto nulo também é uma variável, pois só ocorre, nesta língua, em sentenças cuja estrutura é SVO, com formas verbais simples do indicativo.

Estudando este fenômeno no português brasileiro, Galves (1989) mostra que o objeto nulo possui caráter de *pro*, visto que, nesta língua, ele pode ocorrer em ilhas sintáticas. Posteriormente, Kato (1993) reconhece essa característica do objeto nulo, mas salienta que, nesta posição, *pro* é sempre 3ª pessoa e é favorecido pelo traço [-animado].

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Estudos diacrônicos desenvolvidos por Cyrino (1993), Pagotto (1992, 1994) e Nunes (1993) procuram explicar os fatores que determinaram o desaparecimento do clítico. Tais estudos mostram que o fenômeno do objeto nulo está relacionado estritamente à queda dos clíticos no português brasileiro. Em contrapartida, estudos realizados por Duarte (1986), Tarallo (1983) e Omena (1978) demonstram que os clíticos acusativos de 3ª pessoa não fazem parte do nosso vernáculo e o seu uso está condicionado ao aprendizado escolar, ao grau de instrução do falante, à escrita e ao estilo formal.

É evidente que o fenômeno do objeto nulo é predominantemente no português brasileiro, porém, ao seu lado convivem duas variantes, no que se refere ao objeto anafórico: o pronome pleno e o clítico. Através desse estudo, pretendemos mostrar, a partir da análise de textos, que melhor representam o português brasileiro atual, a incidência desses três fenômenos, bem como os fatores que favorecem o seu uso no PB corrente. Assim, no primeiro momento, tentaremos definir o fenômeno do objeto nulo; no segundo, descreveremos os documentos e a metodologia utilizados nesse estudo; por último, apresentaremos os resultados obtidos e analisaremos os três fenômenos sintáticos, com base nas hipóteses teóricas desenvolvidas por Duarte e Tarallo.

Convém ressaltar que, nesse trabalho, não pretendemos esgotar o tema fazendo uma análise exaustiva, apenas pretendemos elucidar algumas observações feitas a partir da identificação e descrição dos fenômenos em estudo.

2. O objeto nulo e sua origem

Em uma proposta de trabalho do fenômeno do objeto nulo na língua portuguesa corrente no Brasil, faz-se necessário considerar o que é o objeto nulo, bem como os aspectos diacrônicos e sincrônicos que o favorecem. O objeto nulo é um fenômeno sintático que corresponde ao não preenchimento do objeto direto numa sentença. Segundo Cyrino (1996, p. 221), este fenômeno corresponde a *uma posição de objeto direto que é fonologicamente nula*.

A GT afirma que os pronomes oblíquos são aqueles que fun-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

cionam como complemento do verbo e devem ser empregados para substituir as pessoas do discurso. Entretanto, o que observamos na fala brasileira é uma recusa ao emprego destes, principalmente dos clíticos acusativos *o, a, os, as*. Em importante trabalho, Tarallo (1990) apresenta os resultados quantificados em relação à presença do clítico acusativo no português brasileiro em cinco momentos históricos. Na tabela a seguir, reproduziremos a porcentagem de preenchimentos do objeto direto apresentado por Tarallo.

1727	1775	1825	1880	1982
89,2 %	96,2 %	83,7 %	60,2 %	18,2 %

Dentre vários pressupostos teóricos, vêm-se destacando duas concepções a respeito desse fenômeno: a teoria da variação e a teoria gerativa. Defendendo a primeira, estão Omena, Tarallo, Duarte e Corrêa, enquanto a segunda é defendida por Galves, Cyrino e Kato. Todos são unânimes, no entanto, em concordar que o português brasileiro está passando por um processo de perda dos clíticos acusativos de terceira pessoa.

De acordo com a teoria da variação, *os clíticos acusativos de terceira pessoa não fazem parte do vernáculo (no sentido de Labov, 1992) do português brasileiro* (NUNES, 1993, p. 207) e seu uso se encontra limitado à escola, à escrita e ao formalismo. Além disso, *nos contextos em que são usados, os clíticos acusativos de terceira pessoa não obedecem à distribuição dos demais clíticos* (NUNES, 1993, p. 207), como os de primeira pessoa, os quais, devido à cliticização da esquerda para direita, podem ocorrer no início da sentença. Entretanto, como inovação, no português brasileiro atual, já há uma cliticização da direita para a esquerda.

O português europeu moderno, porém não permite o uso do clítico em início de sentença, por isso, um indício da mudança, na direção da cliticização fonológica, é o uso do clítico nessa posição no português brasileiro atual. Em importante pesquisa, Cyrino (1990) mostra que houve um aumento do uso da próclise ao verbo no imperativo e ao verbo principal, do século XVIII para o século XX em 100%. Tal aumento data da primeira metade do século XIX. Tendo as crianças adquirido um sistema de cliticização fonológica da esquerda para a direita, o *onset* da sílaba dos clíticos acusativos não

poderia ser licenciado. Para Nunes (1993, p. 216), as crianças, numa situação como esta,

poderiam reanalisar os clíticos como sílabas sem *onset*, poderiam reformular o sistema fonológico introduzindo novas maneiras para licenciar o *onset* da sílaba dos clíticos, ou poderiam adquirir uma gramática sem clíticos acusativos de terceira pessoa.

Assim, conclui:

Minha hipótese é que, entre introduzir novas regras para licenciar o *onset* da sílaba dos clíticos e adquirir uma gramática sem clíticos de terceira pessoa, as crianças do início do século optaram por esta última possibilidade. (NUNES, 1993, p. 216).

Cyrino (1996), por sua vez, considera a segunda metade do século XIX o período provável do aparecimento do objeto nulo, momento em que o pronome forte passa, também, a ocupar a posição de objeto direto.

3. *Caracterização do corpus*

Para a seleção dos dados, foram escolhidas redações de alunos do Ensino Médio, peças de teatro e letras de músicas, os quais reproduzem muito bem a língua portuguesa corrente no Brasil. Assim, de cada tipo de documento, foram tomadas 50 ocorrências, compreendendo um total de 150 dados.

Os textos (redações) apresentam estruturas narrativa e dissertativa e foram produzidos por alunos da 1ª série do Ensino Médio de um colégio da rede pública, cuja turma é composta de alunos da zona rural e da zona urbana, os quais se encontram na faixa etária entre 15 e 18 anos.

As peças de teatro escolhidas foram produzidas em diferentes épocas e possuem características diferentes: *A Moratória* (1955)³², de Jorge de Andrade, apresenta uma linguagem mais formal e é direcionada ao público adulto; *A Serpente* (1978), de Néelson Rodrigues, apresenta uma linguagem mais coloquial e é direcionada também ao

³² Neste trabalho, utilizamos a 3ª edição da peça *A moratória*, publicada em 1973, pela editora Agir.

público adulto; *O pintor* (1987), de Lygia Bojunga, também apresenta linguagem coloquial, porém, é direcionada ao público infanto-juvenil. As letras de músicas são populares; algumas são românticas, outras, de caráter político-filosófico, porém, todas refletem a linguagem oral, cotidiana, descomprometida com o formalismo.

4. Descrição dos fenômenos

Na seleção dos dados, foram considerados três tipos de variações do objeto direto anafórico: o objeto nulo, o pronome pleno e o clítico. Tais variações convivem, hoje, hierarquicamente no português brasileiro, sendo a segunda considerada a forma estigmatizada pela gramática. Prova disto são as letras de músicas baianas que exploram a sonoridade (cacofonia) provocada pela combinação de algumas formas verbais com o pronome lexical, gerando humor e risos:

(1) *Eu canto pra ela/ porque amo ela/ a mu' ela/.*

(2) *Eu vi ela/ vi'ela / e ela tinha dado um beijo.*

(3) *Se eu pudesse amá-la-ia/ mas não posso amar ela / ama'r ela/ sem amor...*

Certo é que o pronome pleno vem ganhando espaço dentro da língua portuguesa brasileira, em detrimento do clítico, embora ainda seja o objeto nulo a estratégia preferida pelos falantes. Assim,

as garras da norma gramatical encontram, no momento, certas dificuldades para garantir o uso do clítico na fala espontânea, mas, por sua vez, o ele acusativo garante seu lugar em configurações complexas (TARALLO; DUARTE, 1988, citado por SILVA, 1993).

A tabela a seguir mostra a porcentagem de ocorrência desses fenômenos nos documentos selecionados para este estudo:

Documentos	Redações	Peças teatrais	Letras de músicas
Objeto nulo	60%	55,2%	64%
Pronome pleno	10%	31,5	24%
Clítico	30%	10,5%	12%

Analisando os dados em sua totalidade, observamos que o fenômeno do objeto nulo tem ocorrência em 60,8% nos documentos, enquanto o pronome pleno realiza-se em 19,3%. O clítico, por sua

vez, aparece em 18,1% dos dados.

Segundo Tarallo e Duarte (1988), existem três aspectos linguísticos que determinam a escolha dessas variantes: a estrutura oracional, a forma verbal e o traço [\pm animado] do objeto direto. A estrutura SVO, a forma verbal simples e o traço [+ animado] do objeto favorecem o uso do clítico; as estruturas sintáticas complexas e o traço [+ animado] privilegiam o uso do pronome pleno; já o traço [- animado] do verbo favorece a realização do objeto nulo.

Nas redações dos alunos do ensino médio, o objeto nulo é predominante em estruturas com formas verbais simples do indicativo, atingindo um percentual de 66,6%, como atestam os exemplos a seguir:

- (4) *Eu estava sentado ao lado do Ricardo, mas não ϕ vi.*
- (5) *A mãe gostava de fazer tranças no cabelo dela e ϕ enfiava com fitas coloridas.*
- (6) *Trabalho está difícil, mas creio que assim ϕ conseguirei.*
- (7) – *Você viu sua mãe ontem?*
– *Não. E vi ϕ na semana passada.*

Como podemos observar, embora o traço [+ animado] do objeto favoreça o uso do clítico ou do pronome pleno, há situações em que o brasileiro opta pelo objeto nulo, como ocorre nas sentenças (4) e (7), em que aparece a forma verbal *vi*.

Em sentenças com formas verbais no infinitivo, cujo objeto tem o traço [-animado], o objeto nulo se revela em 33,5 % das ocorrências, nas redações dos alunos do ensino médio. Assim, temos:

- (8) *A vida é uma maravilha para quem quer enxergar ϕ .*
- (9) *A vida é um mar de rosas quando sabemos aproveitar ϕ .*
- (10) *O armário está mudando de cor; tem que guardar ϕ em outro lugar.*

O uso do clítico se revela em 66,3% dos dados extraídos dos textos com estrutura dissertativa, enquanto nos textos com estrutura

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

narrativa, ele se realiza em 33,7%. O traço [+ animado] e a forma verbal simples do indicativo favoreceram o uso do clítico nesses textos, sendo muito comum em sentenças do tipo:

(11) ... *enquanto sua mulher o respeita e o trata bem.*

(12) ... *e só o encontrou no outro dia.*

Apesar disto, timidamente, o clítico se realizou em sentenças com a forma verbal no infinitivo e com o traço [- animado] do objeto:

(13) *Devemos amar as árvores como amamos a nossa vida, porque amá-las é compreender a vida.*

O pronome pleno, por sua vez, apresenta-se com o menor percentual nos textos dos alunos (10%) e só se ocorreu em estruturas sintáticas complexas do tipo:

(14) *Ele precisa aprender a tratar ela como merece.*

(15) *Quando puder, vou trazer ela para casa.*

Ao contrário do que acontece nas redações dos alunos, nas letras de músicas, observamos o predomínio do objeto nulo nas construções de sentenças com o verbo no infinitivo e com o traço [- animado] tem 55,5% de ocorrência:

(16) ... *a lição sabemos de cor/ só nos resta aprender ϕ .*

(17) *Não nos custa insistir/ Na questão do desejo/ Não ϕ deixar se extinguir.*

(18) *Falo nesse chão da nossa casa / Vem que tá na hora de arrumar ϕ .*

Em contrapartida, o objeto nulo ocorre em 44,4% com a forma verbal simples e o traço [- animado] do objeto, em sentenças do tipo:

(19) *Um amor assim delicado/ Você ϕ pega e ϕ despreza.*

(20) *Te abraço e sinto coisas que eu não sei dizer/ Só ϕ sinto com você.*

(21) *Você me deixa a rua deserta/ Quando ϕ atravessa e*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

não olha pra trás.

(22) *Vem, vamos embora/ que esperar não é saber/ Quem sabe faz a hora/ não \emptyset espera acontecer.*

O clítico, nas letras de músicas, foi detectado apenas naquelas escritas por autores consagrados da MPB, geralmente as letras que não são do *gosto popular*, por apresentarem figuras metafóricas de difícil compreensão, ou seja, aquelas que não reproduzem a linguagem coloquial:

(23) *Meu amor/ é bonito e singelo/ e o destino mais belo/ é torná-lo maior.*

(24) (...) *guerreiros são meninos/ no fundo do peito (...)/ precisam de um sono que os torne refeitos.*

(25) (...) *aqui vive um povo que cultiva a qualidade/ ser mais sábio que o quer governar.*

Até mesmo nas letras mais antigas, como as de Lupicínio Rodrigues, por serem direcionadas ao chamado *povão*, percebemos a não realização do clítico:

(26) (...) *quanto \emptyset adorei tempos atrás.*

(27) *Nunca/ quando a gente perde a ilusão/ deve sepultar o coração como \emptyset eu sepultei.*

Considerando o pronome pessoal de tratamento *você* um pronome pleno, quando realizado como objeto direto anafórico, analisamos a sua ocorrência nas letras de músicas, sendo mais evidente nas chamadas *baladas românticas* e *nos pop rocks*. Observamos que, nestas, os pronomes fortes *ele /ela* perdem na disputa pela posição de objeto anafórico. Comprovamos apenas uma realização nas letras selecionadas:

(28) *Sempre estar lá e ver **ele** voltar.*

No entanto, *você* ganha a preferência dos autores mais contemporâneos, como observamos nas sentenças a seguir:

(29) *De coração pra coração/ Quero **você** não dá mais pra esconder.*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(30) *Perigo é ter você perto dos olhos/ Mas longe do coração.*

(31) *Desculpe o auê/ Eu não queria magoar você.*

(32) *E me ama como eu amo você.*

Nas peças teatrais que evidenciam a preferência pelo objeto nulo, este é observado em formas simples em 57,1 % dos dados:

(33) *Levante-se, meu filho. Seu pai já \emptyset chamou.*

(34) *Olha aqui, beba \emptyset .*

(35) – *Faz \emptyset pra mim! Faz \emptyset de novo aquele pedaço da tua vida pra mim.*

– *Ah! Faz \emptyset . Faz \emptyset .*

A realização do objeto nulo em sentenças com verbos no infinitivo revelou-se em 42,8% das ocorrências:

(36) (...) *enchiam de queijos um carro de bois e iam vender \emptyset na cidade mais próxima (...).*

(37) – *Não misture meus figurinos.*

– *Queria arrumar \emptyset .*

(38) *Diz agora que és puta. Diz que eu quero ouvir \emptyset .*

(39) *Coei o café para você. Venha tomar \emptyset .*

Das três peças analisadas, o objeto nulo teve preferência em duas. Em *A moratória*, enquanto o objeto nulo atinge um percentual de 92,3%, o clítico atinge 7,7%. Como pronome pleno é a variante estigmatizada e por ser esta uma peça cujo texto é influenciado pela normatização da língua, este fenômeno não se realiza nesse documento. Como se sabe, o objeto nulo é favorecido pelo traço [-animado] do objeto, porém, nesta obra, o mesmo pode ser observado até mesmo em sentenças cujo objeto direto anafórico possui o traço [+animado] (cf. sentença (3)).

Em *A serpente*, obra que traduz os costumes populares sem pudores e apresenta linguagem vulgar, o objeto nulo tem 50% de o-

corrência; o pronome pleno e o clítico atingem o mesmo percentual, ou seja, ambos atingem 25% dos casos.

Interessante é notar que o clítico e o pronome pleno disputam, nesta peça, em igualdade, a posição de objeto anafórico, realizando em sentenças do tipo:

(40) *Se vier como veio hoje, eu o mato.*

(41) *Se você quiser mais do que a noite que já teve, eu mato você.*

Neste último caso, consideramos o pronome de tratamento você (2ª pessoa indireta) um pronome pleno, por ser este um pronome de 3ª pessoa gramatical, o qual requer *os termos a ele relacionados* (verbo, pronome oblíquo e possessivo) na 3ª pessoa (Luft, 1989, 117). Nesta sentença, então, o pronome clítico anafórico correspondente seria *o*, o qual não é empregado.

Na peça *O pintor*, o objeto nulo também se realiza em 25% das ocorrências, enquanto o pronome pleno se revela em 75% dos casos estudados. Acreditamos que, por ser esta uma obra direcionada ao público jovem, o qual tem preferência por uma linguagem descomprometida com o formalismo, o clítico não é usado pela autora.

As formas verbais simples do modo indicativo, a estrutura SVO e o traço [+ animado] favorecem o uso do clítico, entretanto, convém observar que, nesta peça, o pronome pleno se realiza até mesmo em sentenças que apresentam essas características:

(42) *Você conhece ela?*

5. Considerações finais

Comparando os três documentos, notamos que o objeto nulo tem mais incidência nas letras de música e a menor, nas peças de teatro; o pronome pleno (a forma mais estigmatizada) tem a menor realização em peças teatrais e em letras de músicas, ganhando apenas a disputa com os demais fenômenos, como presumíamos, em textos dos alunos, os quais devido à influência da escola, que privilegia a forma padrão, preservam o clítico em suas produções escritas, embo-

ra não o empreguem na modalidade oral.

O objeto nulo constitui-se, assim, numa *estratégia de esquiva*, como bem afirma Silva (1993). Embora a escola insista em preservar o clítico na língua, fica evidente que seu uso restringe-se aos contextos mais formais no que se refere á oralidade e, no que tange à escrita, restringe-se apenas aos textos dissertativos, visto que, em letras de músicas ou em textos literários, há preferência pelo objeto nulo e pelo pronome pleno.

No entanto, acreditamos que, embora possamos falar em processo de desaparecimento do clítico, não podemos ainda dizer que houve uma mudança acabada, visto que, quer por influência da escrita, quer por exigência dos contextos formais da língua, este fenômeno ainda está presente na sintaxe do português brasileiro atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Jorge. *A moratória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1973.
- CANTUÁRIA, V. *Sutis diferenças*. São Paulo: EMI, 1984.
- CHICLETE COM BANANA. *Banana coral*. São Paulo: RCA, 1994.
- CYRINO, S. M. L. Observações sobre a mudança no português do Brasil: objeto nulo e clítico. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: EDUCAMP, 1993.
- _____. O objeto nulo no português brasileiro. DELTA n° 2. EDUC, 1996 (Vol. 12)
- DUARTE, M. E. L. Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 1996.
- FAGNER, R. *Sucessos de Fagner*. Rio de Janeiro: CBS/Sony Music, 1989.
- GALVES, C. C. Objeto nulo no português brasileiro: percurso de uma pesquisa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n° 17, 1989.
- GUEDES, B. *Sol de primavera*. Rio de Janeiro: EMI, 1979.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- _____. *Contos da lua vaga*. Rio de Janeiro: EMI, 1981.
- JOANNA. *Primaveras e verões*. São Paulo: RCA, 1989.
- LEE, Rita. *Bombom*. Rio de Janeiro: Som Livre, 1983.
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 9. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.
- MPB4. *Melhores momentos*. Rio de Janeiro: CID CD, 1999.
- NASCIMENTO, M. *Notícias do Brasil*. Alemanha: Tropical Music, 1992.
- NENHUM DE NÓS. *Cardume*. São Paulo: BMG/Ariola, 1989.
- NUNES, Jairo. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: EDUCAMP, 1989.
- NUNES, Lygia B. *O pintor*. Rio de Janeiro: Agir, 1987. (Teatro)
- PAES, T.; KIKO. *Linda*. In: ROUPA NOVA. São Paulo: RCA, 1985.
- POSSI, Zizi. *Perigo*. Rio de Janeiro: Polygram, 1986.
- RODRIGUES, L. *Gravações originais*. Rio de Janeiro: Discos Copacabana, 1974.
- RODRIGUES, N. *A serpente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- SANTOS, Lulu. *Toda forma de amor*. São Paulo: RCA, 1988.
- SILVA, Rosa V. Mattos e. *Contradições no ensino do português*. São Paulo: Contexto, 1993. (Repensando a língua portuguesa)
- VANDRÉ, G. *Pra não dizer que não falei de flores*. Rio de Janeiro: Som Maior/RGE/Som Livre, 1979.
- VELOSO, C. *Queixa*. São Paulo: Philips, 1982.
- _____. *Uns*. São Paulo: Philips, 1983.
- TARALLO, Fernando. *Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.